



## Práticas e representações devocionais do Sertão do Seridó

Sylvana Brandão<sup>1</sup>

Edson Araújo<sup>2</sup>

### Resumo

O objetivo fundamental desta investigação é a análise das práticas devocionais católicas, em especial à Santa Luzia e a São Bento, que ocorrem no Monte do Galo, localizado no município de Carnáuba dos Dantas, microrregião sertaneja do Seridó, RN. A partir de um diálogo permanente entre o passado e o presente, empreendemos a compreensão dos mitos, ritos e simbologias devocionais católicas praticadas neste Conjunto Religioso. Trata-se de uma pesquisa exploratória e de natureza qualitativa. Do ponto de vista teórico, há uma confluência entre a História Cultural, a Etnohistória e a História Oral, isto é, a prática da heteroglossia, no dizer de Peter Burke. Destacam-se, respectivamente, as contribuições de Chartier, Geertz, Steil, Brandão e Prins. Também foram fundamentais as teorias de Pierre Bourdieu para a compreensão do que é campo, subcampo e as relações estabelecidas pelos agentes da administração do capital religioso e simbólico. Aponta-se o crescimento das mencionadas devoções no início do século XXI e a tensão ininterrupta entre a hierarquia clerical e o grande número de devotos, decorrente de um processo de disciplinamento que a Igreja busca impor para uma devoção de raízes leigas.

**Palavras-chaves:** Catolicismo. Religiosidade. Devoção.

### Introdução

A formação dos primeiros centros de devoção católica no Brasil representa a busca dos leigos por uma participação ativa no culto religioso, e por uma maior liberdade para expressar suas crenças. Segundo Riollando Azzi, “esses centros de devoção constituem o ponto de encontro, e também de atritos, entre a religião oficial e a crença popular”<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Doutora em História do Brasil pela UFPE; Professora do Departamento de História da UFPE; Docente dos Programas de Pós graduação em História e Arqueologia da UFPE; Docente e Coordenadora do Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste; Líder dos Grupos de Pesquisa “História e Religiões”, do Programa de Pós graduação em História da UFPE, e “Gestão Pública e Espaços Públicos: conflitos e intolerância religiosa”, do MPANE/UFPE. Vários livros e artigos publicados; Membro de Instituições de Pesquisa nacionais e internacionais. E-mail: brandao.sylvana@gmail.com..

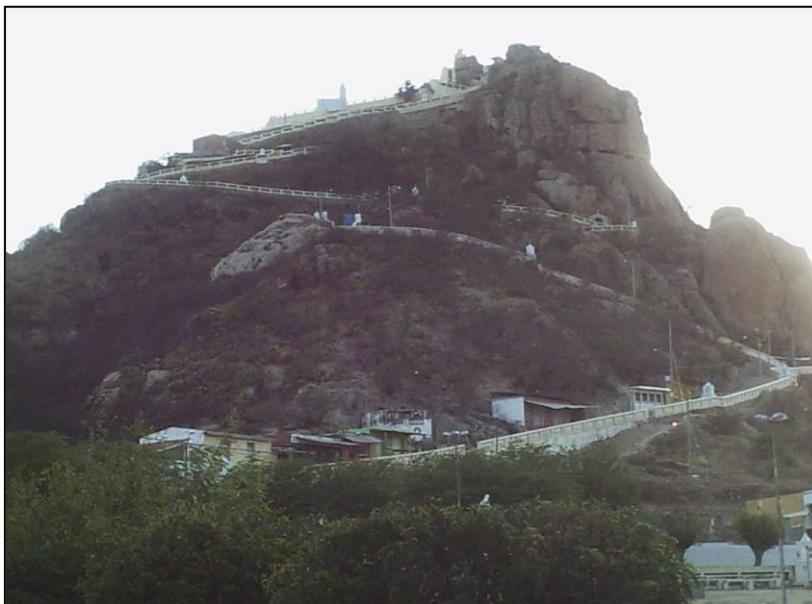
<sup>2</sup> Graduando em História pela UFPE; Bolsista de Iniciação Científica do PIBIC/CNPq/UFPE; membro do Grupo de Pesquisa História e Religiões do Programa de Pós Graduação em História da UFPE; membro do Grupo de Pesquisa Gestão Pública e Espaços Públicos: conflitos e intolerância religiosa, do Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste. Participação em vários congressos, com registro em anais.

<sup>3</sup> AZZI, Riollando. **As romarias no Brasil**. Revista de Cultura Vozes. Ano 73, v. LXXIII, n. 4, p. 39-54, 1979.

O Conjunto Religioso do Monte do Galo localiza-se no município potiguar de Carnaúba dos Dantas, circunscrito à microrregião sertaneja do Seridó, que compreende vários municípios do Rio Grande do Norte e da Paraíba. O objetivo deste trabalho foi a análise histórica das práticas e representações devocionais que ocorrem neste santuário.

Como santuário, o Direito Canônico compreende “a igreja ou qualquer outro lugar sagrado, aonde os fiéis em grande número, por motivo especial de piedade, fazem peregrinações com a aprovação do Ordinário local”<sup>4</sup>. O Monte do Galo alcança essa definição, posto que se configura como um dos maiores centros de peregrinação do Seridó.

**Imagem 1**– O Monte do Galo.



**Fonte:** Fábio Mafra/Edson Araújo.

A compreensão das origens históricas do Monte do Galo e das práticas e representações que nele ocorrem foi possível a partir da articulação de fontes orais (a partir de entrevistas semi estruturadas), documentais (jornais do início do século XX) e iconográficas (fotografias do início do século XX); também foi efetivado o registro etnográfico na Festa de Santa Luzia e São Bento, entre os dias 02 a 13 de dezembro de 2008. Com efeito, nossa investigação pautou-se numa perspectiva interdisciplinar, agregando lentes da História Cultural, da História Oral e da Etno

<sup>4</sup> Código do Direito Canônico (Can.1.230).



História. Destacam-se, respectivamente, as contribuições de Roger Chartier, Clifford Geertz, Carlos Alberto Steil, Sylvana Brandão e Gwyn Prins.

Dentre os teóricos contemporâneos da Religião que nos fornecem referenciais analíticos, temos o antropólogo americano Clifford Geertz, produtor de vários escritos de natureza teórica e etnográfica. Ao procurar traduzir textualmente as observações que realizou em regiões como a cidade de Java, na Indonésia, Geertz construiu o que chamamos de descrição densa.

Também se destacam os estudos de Carlos Alberto Steil e Sylvana Brandão, que primaram, respectivamente, pela investigação da religiosidade do santuário do Bom Jesus da Lapa, na Bahia; e do santuário de São Francisco das Chagas do Canindé, no Ceará<sup>5</sup>. Para Steil e Brandão concomitantemente ao historiador Riollando Azzi, as devoções católicas do Brasil quase sempre nascem de formas espontâneas, e ao tomarem uma dimensão de largo alcance, a Igreja Católica, necessariamente, tenta disciplinar e manter o controle dos devotos. “A instituição eclesiástica, quando paroquializa experiências de religiosidades populares, o faz para disciplinar os poderes dos leigos, os poderes dos fiéis”<sup>6</sup>.

Em nosso trabalho, cabe ainda destacar a imensa contribuição das reflexões de Pierre Bourdieu sobre o papel da religião no devir histórico que nos foi absolutamente necessário à elaboração de nossas formulações teóricas. Bourdieu, com suas considerações acerca de campo e sub campos, *habitus* e capitais nos proporciona uma plasticidade harmoniosa sobre o sentido das religiões e das religiosidades, posto que rompe com a noção da história como estrutura estável. Para Bourdieu, a religião é um campo autônomo, que coexiste simultaneamente com vários sub campos, e seus agentes se relacionam através de discursos e intradiscursos. Na verdade, Bourdieu faz uma brilhante reelaboração da tipologia weberiana, ao tecer ilações entre agentes religiosos e agentes leigos como um único conjunto de relações. Aqui, Bourdieu considera a religião como mercado de bens simbólicos, onde os agentes sacerdotais produzem e os leigos consomem.

<sup>5</sup> Para um aprofundamento nestes autores, ver: STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias**: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa-Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996; BRANDÃO, Sylvana. “*São Francisco das Chagas do Canindé, Ceará, Brasil*”. In: BRANDÃO, Sylvana (Org.). **História das Religiões no Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2004, v. 3, p. 339-370; e AZZI, Riollando. **A Cristandade Colonial**: um projeto autoritário. São Paulo: Paulinas, 1987.

<sup>6</sup> BRANDÃO, Sylvana. “*São Francisco das Chagas do Canindé, Ceará, Brasil*”. In: BRANDÃO, Sylvana (Org.). **História das Religiões no Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2004, p. 360.



Cabe, por conseguinte, compreender que esta constatação nem sempre é verossímil. No tocante a devoções que ocorrem no Monte do Galo, dentre as quais, a de Santa Luzia, São Bento e Nossa Senhora das Vitórias, desde suas origens históricas, por diversas vezes os leigos orientaram os significados e significantes daquilo que Bourdieu nomeia como capital simbólico e mercado de bens religiosos<sup>7</sup>.

Compreender tais expressões religiosas a partir das práticas e representações dos fiéis leigos nos leva à noção de História Cultural proposta por Chartier; tal perspectiva teria como objetivo compreender de que forma, nos diferentes espaços e temporalidades, determinada realidade social é constituída<sup>8</sup>.

Pode pensar-se uma história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos ou, por outras palavras, das representações do mundo social que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse<sup>9</sup>.

Concordando com Chartier, tomamos o conceito de *representações* enquanto classificações e divisões que orientam a assimilação do mundo social como categorias de percepção do real; não obstante as *representações* possuam uma tendência a universalidade, são sempre determinadas pelos interesses dos grupos ou classes sociais que as estabelecem. No âmago das *representações* estão inseridos o poder e a dominação, fazendo com que elas não sejam discursos neutros, produzindo assim práticas e estratégias com intenção de imposição de uma autoridade. Destarte, incluem-se no âmbito da concorrência e da luta, ou seja, ocorre a tentativa de imposição de um grupo a outro de sua percepção do mundo social<sup>10</sup>.

## 1. O mito do canto do galo: uma história cultural

Formada num misto de imaginário, fé e devoção, a história do Monte do Galo está relacionada também com a própria colonização do Seridó, intensificada com a instalação de fazendas durante o século XIX. A tradição da “Lenda do Cantar”, legada pela oralidade até os dias atuais, nos relata que nas primeiras décadas de

<sup>7</sup> BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Coleção Estudos. São Paulo: Perspectiva, 2003.

<sup>8</sup> CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 2002.

<sup>9</sup> Ibid., p. 07.

<sup>10</sup> Ibid.

1800, os vaqueiros da Fazenda Baixa Verde, ao campear e cuidar do gado escutavam, nas proximidades de um ermo acidente geográfico da região conhecido como Serrote Grande, o solitário canto de um galo<sup>11</sup>.

Os vibrantes cânticos teriam sido ouvidos, também, por tropeiros que transportavam alimentos do Rio Grande do Norte à Paraíba, e que por ali pernoitavam. Este canto foi associado pelo imaginário religioso coletivo a uma misteriosa e sagrada “anunciação”, ainda em fins do século XIX, e o outrora Serrote Grande passa a ser conhecido como Serrote do Galo<sup>12</sup>.

**Imagem 2** – O Cruzeiro, o Galo e os romeiros: o Monte em dia de Festa de Santa Luzia e São Bento.



**Fonte:** Fábio Mafra/Edson Araújo.

Do mesmo modo, o fator milagre concorre para a sacralidade deste santuário. Concordando com Brandão, entendemos por milagre “a solução de um impasse qualquer, seja este afetivo, financeiro, de dor física. O milagre como solução prática, cotidiana”<sup>13</sup>.

Dentre os vários milagres difundidos entre os fiéis e romeiros destaca-se um caso ocorrido no ano de 1958, onde uma mulher acometida por uma doença que lhe

<sup>11</sup> CARVALHO, Auta Rodrigues de. **Histórico do Monte do Galo**. Carnaúba dos Dantas, s/e, 1990; MACEDO, Hélder (org.). **Ritmos, sons, gostos e tons do patrimônio imaterial de Carnaúba dos Dantas**. Caicó, Netograf, 2005.

<sup>12</sup> Idem.

<sup>13</sup> BRANDÃO, Sylvana. **São Francisco das Chagas do Canindé, Ceará, Brasil**. In: BRANDÃO, Sylvana (Org.). **História das Religiões no Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2004, v. 3, p. 358.



paralisou os membros inferiores, foi carregada por seu companheiro ao topo do Monte do Galo; após rezar nos pés da imagem de Nossa Senhora das Vitórias, esta recebeu como benção a cura de sua enfermidade<sup>14</sup>.

Outro testemunho da intervenção divina perpetuado até hoje pela oralidade nos relata que uma cabra, após cair do alto do serrote – cerca de 155 metros de altura – não teve nada de grave<sup>15</sup>.

## 2. Etno história de uma devoção sertaneja: a festa de nossa senhora das vitórias

Findo o século XIX, os carnaubenses tomam o canto e os demais fatos ocorridos no Serrote do Galo como relacionados ao divino. Contudo, um dos maiores “milagres” que permeiam o imaginário religioso do Seridó ocorreu nos seringais do Acre, no começo do século XX, auge do ciclo da borracha. Trata-se da experiência de Pedro Alberto Dantas (1878-1960) e sua cura por *Nossa Senhora das Vitórias*; narrativa obtida através de entrevista<sup>16</sup> realizada com a filha do mesmo, Júlia Albertina Dantas, de 87 anos:

Tudo começa com a viagem<sup>17</sup> do meu pai ao Acre. Ele vai prá lá trabalhar nos seringais... foi trabalhar na borracha...era o que dava dinheiro, e ele foi pra tentar melhorar de condição, porque era muito pobre, família humilde. E ele foi com esse objetivo... que foi desfeito por causa da doença. Beribéri, né? Doença terrível, matou muita gente nessa época. Aí ele estava lá, ardendo em febre, três dias, era uma febre terrível... dormindo e acordado, no delírio da febre, aparece a ele Nossa Senhora das Vitórias. E ela diz a ele: “Se queres viver, volte a sua terra natal o quanto antes; leva contigo uma imagem minha. E ele pergunta: “Quem é a senhora? “Ela responde: “Eu sou Nossa Senhora das Vitórias, sua protetora”. Então ele veio pra Carnaúba... trazendo a santinha. Quando ele voltou, conheceu o primeiro médico de Carnaúba, Flávio Maroja, paraibano; então ele disse: “Pedro, mas que lugar mais lindo, vamos passear nesse lugar” (o Serrote do Galo). Então eles foram até lá... e o Doutor Flávio falou: “Mas um lugar bonito desse, ninguém nunca pensou aqui em nada... em transformar isso num lugar de turismo?”E meu pai disse: “Aqui é um lugar sagrado, onde o Galo cantou anunciando à meia-noite... aqui é pra ser um local de oração”. Então ele se juntou com outros

<sup>14</sup> DANTAS, Francisco Rafael. **A Verdadeira História do Monte do Galo**. Carnaúba dos Dantas: s/e, 2007.

<sup>15</sup> DIÁRIO DE NATAL, 08/12/1929. Acervo da Biblioteca Pública de Carnaúba dos Dantas Donatilla Dantas.

<sup>16</sup> Em 19 de dezembro de 2008, com registro no Cartório Único de Notas de Carnaúba dos Dantas.

<sup>17</sup> Em 1907.

que tinham condições, influência... colocaram o Cruzeiro que está lá até hoje.

A História Oral documenta uma memória coletiva ou individual quando aquilo que aconteceu necessariamente é ressignificado; nada do que vêm à tona é narrado como de fato aconteceu; emerge como reinterpretação do passado permeado por todo acúmulo das experiências de vida. Todavia, a memória particular pode proporcionar uma atualidade e uma riqueza de detalhes que de outra maneira não podem ser encontradas, mas a força da história oral é a força de qualquer história metodologicamente competente e da inteligência com que tipos diferenciados de fontes são aproveitadas e operadas harmoniosamente<sup>18</sup>.

Fazendo convergir várias vertentes de abordagem, temos o encontro entre a história remota e mítica do canto do galo, em fins do século XIX, a devoção de Pedro Alberto a Nossa Senhora das Vitórias, no início do século passado, e a instalação do cruzeiro comemorativo da fundação de Carnaúba dos Dantas em 25 de outubro de 1928, quando ocorre também a doação oficial por parte de Pedro Alberto da imagem da Santa<sup>19</sup>.

**Imagem 3** – A inauguração do Cruzeiro do Monte do Galo, em 25 de outubro de 1928.



**Fonte:** Acervo particular de João Evangelista.

<sup>18</sup> PRINS, Gwyn. **História Oral**. In: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1992.

<sup>19</sup> Esta imagem é conservada, atualmente, no Museu Histórico Nossa Senhora das Vitórias.



Somados, estes eventos resultam no crescimento práticas devocionais e na construção do Conjunto Religioso do Monte do Galo, que se configura, atualmente, em espaço das mais diversas representações de fé por parte dos romeiros, especialmente das populações seridoenses. Ainda sobre a construção deste santuário, temos o seguinte registro num jornal da primeira metade do século XX:

Tiveram os operários que trabalhar quase sobre o abismo que se cava ao pé da cruz. Dadas as proporções, não é obra inferior a do Cristo no Corcovado. Enquanto por lá anda a alta engenharia, com maquinismos modernos, em Carnaúba teve apenas o esforço e a prática de homens (...) chefiados por Pedro Alberto Dantas<sup>20</sup>.

Os festejos dedicados a Nossa Senhora das Vitórias começaram, efetivamente, em 1929, de 23 a 25 de outubro – sendo o último a comemoração do dia da santa, mantidos até hoje dessa forma. Em 1930 deu-se a benção de sua pequena capela, construída no topo do monte, numa cerimônia onde ocorreu grande número de devotos<sup>21</sup>.

Desde sua inauguração, o Monte vem sendo sítio de romarias, anualmente no mês de outubro. O jornal “O Poti”, em 28 de outubro de 1973 diz o seguinte:

O Monte do Galo, há mais de 50 anos, passou a ser um centro de atração religiosa dos mais visitados, no interior potiguar, pelos agricultores e familiares que acreditam no poder de Nossa Senhora das Vitórias, a exemplo do que foi feito por milhares de pessoas residentes em Carnaúba dos Dantas, bem como outros municípios daquela região<sup>22</sup>.

O número de fiéis presente nas cerimônias religiosas cresceu largamente com o passar dos anos; já nos anos 70, os festejos foram transferidos para a Capela de São José, diante da impossibilidade do espaço anterior comportar a grande massa de devotos.

Dentre as principais celebrações religiosas, além da tradicional Festa de Nossa Senhora das Vitórias, há também um momento católico de grande abrangência não só em Carnaúba dos Dantas, mas por toda a região do Seridó: a Festa de Santa Luzia e de São Bento, realizada no período de 02 a 13 de dezembro, sobre a qual iremos nos deter.

### 3. Práticas e representações devocionais: a festa de santa luzia e são bento

<sup>20</sup> DIÁRIO DE NATAL, 08/12/1929. Acervo da Biblioteca Pública de Carnaúba dos Dantas Donatilla Dantas.

<sup>21</sup> MACEDO, Hélder (org.). **Ritmos, sons, gostos e tons do patrimônio imaterial de Carnaúba dos Dantas**. Caicó, Netograf, 2005.

<sup>22</sup> O POTI. NATAL, 28/10/1973. Acervo da Biblioteca Pública de Carnaúba dos Dantas “Donatilla Dantas.



Já na madrugada do dia 13 de dezembro, os romeiros chegam de quase todos os rincões do Seridó, transportados em ônibus, caminhões, vezes de pé, caronas, uma rede de transporte amalgamada pelos laços sagrados, onde se crê solidariedade. A maioria, do que foi registrado em relatórios de campo, são oriundos de cidades como Solânia – PB, Araras – PB, Casserengue – PB, Dona Inês – PB, Bananeiras – PB, Vila Maia – PB, entre outras. Por volta das 6h da manhã, subir o Monte já se torna tarefa intrincada devido à multidão que a ele ocorre.

Na visão de Steil, “a romaria conecta o conteúdo universal do catolicismo ao local e situa o seu significado num espaço concreto que se torna portador de mitos que tecem as narrativas que circulam em torno do Santuário”<sup>23</sup>.

A cerimônia religiosa que atrai grande fluxo de devotos acarreta também a presença de grupos de pedintes, que fazem fila ao sopé do Monte, a suplicar aos romeiros por “trocados em nome de Jesus”; há, ainda, os ambulantes, que se instalam por toda a cidade de Carnaúba, especialmente em áreas próximas e no próprio Monte do Galo – a paisagem é tomada, inclusive, por pontos de venda fixos, e por todos os lados vêem-se terços, estátuas e quadros de santos, enfim, todos aqueles objetos do contexto católico que são símbolos da religiosidade popular.

Apesar de facilitada pelo caminho em *zig-zag* construído, a subida é bastante íngreme. Os fiéis sobem a pé, e nota-se a presença de andantes de todas as idades; na verdade, famílias inteiras acodem àquele lugar por em busca de proteção.

No caminho até o topo, são observadas 14 estações<sup>24</sup> que retratam a Paixão de Cristo; a contemplação de seu sofrimento deve servir para lembrar aos fiéis que sem martírio não há redenção, além de memorá-los para com a dívida que eles possuem para com Deus e seu filho, que se entregou à agonia da crucificação para salvar todos os pecadores. Nestas estações, os romeiros costumam realizar orações e agradecer as bênçãos alcançadas. Procurando testemunhar sua gratidão ou o pagamento da promessa, muitos deles acendem velas sobre as estruturas, ou depositam ex-votos, além de pedras, flores e até mesmo acanhadas quantias em dinheiro. Alguns chegam a escrever na própria estação palavras de agradecimento, misticismo que embora seja desaprovado pelos dirigentes do culto, persiste e se

---

<sup>23</sup> STEIL, Carlos Alberto. **O Sertão das Romarias**. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 23.

<sup>24</sup> Idealizadas por Dom José Adelino Dantas (1910-1983), em homenagem às principais famílias de Carnaúba dos Dantas.



atualiza no espaço do Monte do Galo, como um modo de aproximação com o sagrado.

Num ponto da subida, há uma pequena Capela com a imagem de Nossa Senhora das Vitórias e, mais adiante, percebemos também, a presença de túmulos; temerosos das penúrias e da condenação ao fogo eterno, os que dispõem de maiores recursos financeiros solicitam que seus corpos sejam depositados ali, naquele espaço sagrado, acreditando assim estarem protegidos da danação do Juízo Final. Além disso, o local da devoção faz com que o romeiro se sinta mais próximo do seu Santo e de Deus<sup>25</sup>.

No topo do Monte, a Capela de Nossa Senhora das Vitórias é, indubitavelmente, o espaço mais disputado entre os romeiros. E, na altura de 155m, ergue-se o Cruzeiro, construído em cimento armado, medindo 9m, pensado como um marco da fundação de Carnaúba dos Dantas, em homenagem a Caetano Dantas Correia (1710-1797), considerado ainda hoje pela oralidade como o “fundador” da cidade<sup>26</sup>. Contudo, a despeito de seu significado glorioso, o Cruzeiro denota a intensidade do símbolo e da religiosidade cristã no Seridó.

A cerimônia religiosa culmina com a realização de uma Missa num palco armado em frente à Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Após os rituais litúrgicos, ocorre uma procissão com as imagens de Santa Luzia e de São Bento pela cidade, finalizando assim os festejos oficiais dedicados a estes santos. Entretanto, as romarias persistem no decorrer de todo ano, principalmente aos domingos quando é celebrada a Santa Missa no sopé do Monte do Galo na Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro; uma vez por mês, é celebrada a missa na Capela de Nossa Senhora das Vitórias, no cimo do Monte.

### Considerações finais

A partir da análise das práticas e representações devocionais católicas, em especial à Santa Luzia e a São Bento, que ocorrem no Monte do Galo nos foi possível compreender de que forma os fiéis leigos orientam os significados e significantes de sua fé. Neste sentido, o diálogo permanente entre passado e

---

<sup>25</sup> STEIL, Carlos Alberto. **O Sertão das Romarias**. Petrópolis: Vozes, 1996.

<sup>26</sup> No século XVIII, o Coronel Caetano Dantas inicia a ocupação no território de Carnaúba através da edificação de fazendas. Fonte: MACEDO, Hélder (org.). **Ritmos, sons, gostos e tons do patrimônio imaterial de Carnaúba dos Dantas**. Caicó, Netograf, 2005.



presente estabelecido neste trabalho tornou possível a apreensão dos mitos, ritos e simbologias devocionais católicas praticadas neste Conjunto Religioso. Trata-se de uma pesquisa exploratória e de natureza qualitativa. Do ponto de vista teórico, há uma confluência entre a História Cultural, a Etnohistória e a História Oral, isto é, a prática da heteroglossia, no dizer de Peter Burke. Destacam-se, respectivamente, as contribuições de Chartier, Geertz, Steil, Brandão e Prins. Também foram fundamentais as teorias de Pierre Bourdieu para a compreensão do que é campo, subcampo e as relações estabelecidas pelos agentes da administração do capital religioso e simbólico. Aponta-se o crescimento das mencionadas devoções no início do século XXI e a tensão ininterrupta entre a hierarquia clerical e o grande número de devotos, decorrente de um processo de disciplinamento que a Igreja busca impor para uma devoção de raízes leigas. O trabalho é vinculado aos Grupos de Pesquisa “História e Religiões”, do Programa de Pós graduação em História da UFPE, e “Gestão Pública e Espaços Públicos: conflitos e intolerância religiosa”, do Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste, da UFPE.

## Referências

AZZI, Riolando. **A Cristandade Colonial: um projeto autoritário**. São Paulo: Paulinas, 1987.

BRANDÃO, Sylvana. **São Francisco das Chagas do Canindé, Ceará, Brasil**. In: BRANDÃO, Sylvana (Org.). **História das Religiões no Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2004.

\_\_\_\_\_. **História das Religiões no Brasil**. Recife: Editora Universitária da UFPE, v. I-IV.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. Coleção Estudos. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CARVALHO, Auta Rodrigues de. **Histórico do Monte do Galo**. Carnaúba dos Dantas, s/e, 1990.

CARVALHO, João Paulo Araújo de. **Freguesia de Nossa Senhora das Dores (1858-2008): 150 anos de História e Devoção**. Nossa Senhora das Dores, SE: Ass. de Incentivo à Pesquisa e à Cultura Nossa Senhora das Dores dos Enforcados, 2008.



CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 2002.

DANTAS, Francisco Rafael. **A Verdadeira História do Monte do Galo**. Carnaúba dos Dantas: s/e, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

MACEDO, Hélder (org.). **Ritmos, sons, gostos e tons do patrimônio imaterial de Carnaúba dos Dantas**. Caicó, Netograf, 2005.

PRINS, Gwyn. **História Oral**. In: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1992.

STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa-Bahia**. Petrópolis: Vozes, 1996.

### **Fontes primárias:**

#### **Jornais**

O Cruzeiro do Monte do Galo. Diário de Natal, 8 de dezembro de 1929. Acervo da Biblioteca Pública de Carnaúba dos Dantas "Donatilla Dantas".

O Monte do Galo. O POTI, 28/10/1973. Acervo da Biblioteca Pública de Carnaúba dos Dantas "Donatilla Dantas".

#### **Orais**

Entrevistas coletadas entre os dias 02 e 13 de dezembro; depoimento de Júlia Albertina Dantas.